



A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA GINÁSTICA GERAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE BARRA DO GARÇAS (MT)

Fabrcio Gurkewicz Ferreira

Rede estadual de ensino de Rondônia – Brasil

Minia Carvalho Rodrigues

Universidade Federal do Mato Grosso – Brasil

Resumo: O presente estudo tem como objetivo investigar a viabilidade de uma proposta pedaggica da prtica da ginastica geral nas escolas estaduais de Barra do Garças. Para sua realizacao, optamos pela utilizacao da pesquisa de campo. Iniciamos nossa intervencao por meio da realizacao de um curso de ginastica geral para os professores da rede estadual de ensino com a proposta a ser aplicada nas escolas. Por meio da utilizacao de materiais alternativos, os professores constataram a possibilidade de adequacao do universo gimnico dentro da realidade escolar. Dessa forma, esta pesquisa oferece novas formas de estruturacao do conhecimento no campo da ginastica geral, auxiliando e orientando os docentes no trato com o contedo da ginastica escolar.

Palavras-chave: educacao continuada; Educacao Fisica; ginastica.

INTRODUÇÃO

A Educacao Fisica trata de forma pedaggica contedos preenchidos por uma gama de valores culturais que foram sistematizados historicamente e que demonstram a relacao entre o homem, o corpo e a sociedade. Segundo Brasil (2001), esses contedos sao elencados em tres grupos: 1. esportes, jogos, lutas e ginasticas; 2. atividades ritmicas e expressivas; 3. conhecimentos sobre o corpo. Esses contedos constituem saberes de valor indiscutivel que devem ser proporcionados a todas as pessoas. Entretanto, na maioria das vezes, o que encontramos nas escolas e o privilegio dos esportes coletivos e individuais em detrimento dos demais contedos. Nesse sentido, Ayoub (2003) revela que a ginastica e cada vez menos realizada nos colégios, o que demonstra o descaso com essa pratica corporal. Contudo, a presenca

desse conteúdo na escola é imprescindível, de modo que valoriza e respeita as características da criança, além de potencializar o seu aspecto motor, já que as habilidades básicas referentes ao universo gímnico (saltar, equilibrar, trepar, rolar/girar, balançar/embalar) possibilitam condições favoráveis ao desenvolvimento motor.

A ginástica, do modo como a conhecemos hoje, começou a ser sistematizada na Europa no século XIX, em quatro escolas: alemã, sueca, inglesa e francesa. O movimento ginástico europeu surgiu com o intuito de consolidar a concepção moderna em relação às práticas corporais que se construíram fora do mundo do trabalho, trazendo a ideia de saúde, vigor, energia e moral colada à sua aplicação (SOARES, 1998).

No Brasil, a ginástica consolidou-se no início do século XX com a sua legitimação na escola, o que contribuiu, nos anos que se seguiram, para o seu entendimento como “sinônimo” de Educação Física. Nas décadas seguintes, a ginástica vivenciou tanto um momento de ascensão devido ao processo de eugeniização quanto de decadência em virtude do processo de esportivização ocorrido no período da ditadura, no qual ela foi sendo substituída pelo esporte (AYOUB, 2003; CASTELLANI FILHO, 1991).

Na Educação Física escolar, a ginástica predominante é a que tem estreita relação com a esfera competitiva (ginástica artística e ginástica rítmica). Isso deve estar relacionado com as normas preestabelecidas pela sociedade, principalmente com a restrição imposta pela mídia às outras modalidades e também pelo despreparo ou pela limitação dos docentes tanto do ensino superior quanto do ensino básico, o qual tem a incumbência de propiciar os conhecimentos necessários à apreensão dos alunos (AYOUB, 2003). É notória a parcela de importância demonstrada por cada manifestação gímica. Contudo, em um ambiente que reúne tanta diversidade como a escola, é necessário que haja respeito à individualidade, com as limitações inerentes a cada um, para que a criança possa ter seu desenvolvimento de forma gradual e não prejudicial. Nesse contexto, surge a ginástica geral (GG)¹ ou a ginástica para todos (GPT), uma vertente da ginástica, que se apresenta como um possível caminho para satisfazer as necessidades provenientes do ambiente escolar.

Na GG, a criatividade, a subjetividade do movimento, as potencialidades de cada pessoa são estimuladas e respeitadas. Para Ayoub (1998, p. 128), a GG consiste em uma prática corporal na qual não ocorre competição e se configura como uma confluência entre a ginástica científica e as diversas manifestações gímicas da atualidade², ou seja, ela representa a síntese do que foi e o que é a ginástica:

¹ Desde janeiro de 2007, a ginástica geral é denominada “ginástica para todos” por determinação da Federação Internacional de Ginástica (FIG).

² As ginásticas da atualidade podem ser divididas, segundo Souza (1998), em cinco grupos: de conscientização corporal, competição, condicionamento, demonstração e fisioterápicas.

[...] a ginástica geral traz consigo a possibilidade de realizarmos o resgate da ginástica na Educação Física escolar, numa perspectiva de “confronto” e síntese, e também numa perspectiva lúdica, criativa e participativa.

Contudo, para que possa desenvolver com eficácia essa proposta, é necessário estabelecer referenciais teórico-metodológicos.

Nesta pesquisa, investigamos a viabilidade do desenvolvimento da GG como conhecimento nas aulas curriculares de Educação Física, no ensino fundamental, reconhecendo a especificidade da ginástica como prática corporal historicamente construída e culturalmente desenvolvida, devendo, portanto, fazer parte dos conteúdos a serem desenvolvidos nas aulas de Educação Física. Salienta-se que a iniciativa gerará significativos subsídios que poderão auxiliar na construção de novos referenciais para a disciplina de GG, tanto no ensino superior quanto no ensino básico. Esses referenciais propiciarão um embasamento teórico e prático tanto para o corpo discente como para o docente do curso, de modo a instigar constantes reflexões sobre os conteúdos ministrados e verificar se estes oferecem o respaldo teórico que instrumentalizam os alunos para o trabalho com os conteúdos de ginástica na escola.

CONTEXTUALIZANDO A GINÁSTICA GERAL

Existem diferentes definições de GG, entretanto elas baseiam-se no conceito já estabelecido pela Federação Internacional de Ginástica (FIG). Para melhor denominar a GG e poder conceituá-la, é relevante esclarecer a forma como essa expressão surgiu na FIG. Segundo Ayoub (1999), a expressão GG foi criada no final da década de 1970 e início dos anos 1980, referindo-se às atividades de ginástica fora do âmbito da competição. Em 1995, o professor suíço Jean Willisegger, presidente do Comitê Técnico de GG da FIG, afirmou quão complicado é elaborar um nome capaz de abranger o caráter particular da GG, pois trata-se de uma atividade corporal destinada à participação de todos. Dessa forma, GG foi a melhor maneira de expressar tal ideia, além da facilidade de tradução para outros idiomas. A GG demonstra a diferença entre uma ginástica não competitiva e aquela de caráter competitivo e esportivizado.

A GG retrata a manifestação cultural de cada povo, de modo a priorizar as tradições e respeitar as características. Fiorin (2001) tem o mesmo ponto de vista de Souza (1999) ao afirmar que a prática da GG permite uma interação da atividade gímnica com outros elementos da cultura corporal, como a dança, os jogos, o esporte e outros, os quais são usados para formar suas composições coreográficas. Além disso, ela pode ser desenvolvida por qualquer pessoa, independentemente de sexo, raça ou condição social.

Conforme os conceitos já apresentados, Chaparim e Souza (2001) definem a GG como uma atividade gímnicã não competitiva, sem normas e padrões preestabelecidos. Tem uma característica tão abrangente que permite a seus praticantes a vivência de inúmeras experiências motoras, além de utilizar diferentes conteúdos, como dança, ginásticas, lutas e jogos adaptados em diversos temas, estilos, ritmos, músicas, materiais e vestimentas.

De acordo com Toledo (1999), por mais que existam algumas divergências ou incertezas na conceituação e compreensão da GG, é possível elencar as características consideradas fundamentais: não é competitiva; tem número irrestrito de participantes; pode utilizar ou não materiais oficiais ou alternativos³; contém elementos da ginástica, da dança e da cultura brasileira; socializa aqueles que participam do processo para a composição coreográfica; valoriza as potencialidades individuais, bem como a criatividade e a democracia na elaboração de movimentos, já que o processo é tão importante quanto o produto final: a coreografia.

Ao relacionarem essas características da GG, as autoras citadas apresentam opiniões convergentes, pois demonstram uma linha de pensamento semelhante, e apresentam, por meio dessas fundamentações teóricas, várias possibilidades de adotar a GG, visto que ela pode ser utilizada em diferentes lugares e por todas as pessoas que se disponibilizem a praticá-la.

Devido à grande abrangência caracterizada pela GG, fica difícil delimitar seu campo de ação. Para Santos (2001), apesar de ela ser reconhecida pela FIG como uma modalidade de ginástica, não deve ser compreendida exclusivamente dessa forma. Por mesclar e utilizar outras modalidades, num processo de recriação destas, e de acordo com aquilo que propõe, a GG transforma-se numa atividade que pode ser trabalhada em diferentes contextos.

Do mesmo modo que a GG se traduz como uma prática corporal flexível à participação de todos, ela age num espaço aberto a novos elementos, livres para diferentes formas de combinações, tornando o ambiente rico e criativo.

Diante do que foi abordado, devemos considerar a GG sem estabelecer fronteiras: ela não apresenta uma delimitação e não pode ser colocada em uma ou em outra área do conhecimento. A GG pode ser vista como um conjunto de formas e conteúdos da cultura corporal do movimento, associados à ginástica de maneira livre e espontânea.

O desenvolvimento da GG no Brasil teve início na década de 1980. Segundo Ayoub (2003), esse período foi marcado pela oficialização do Departamento de

³ Os materiais alternativos são: pneus, bambu, garrafas, caixas de papelão, além de outras inúmeras possibilidades que dependem da criatividade dos participantes.

Ginástica Geral (DGG) na Confederação Brasileira de Ginástica (CBG). Nessa época, os professores Fernando Augusto Brochado (presidente da CBG) e Carlos Roberto Alcântara de Rezende assumiram a diretoria do DGG e foram os principais impulsionadores do movimento de expansão da GG no Brasil.

A autora ressalta ainda que, a partir da década de 1980, alguns fatos podem ser assinalados como referenciais importantes para compreensão da expansão da GG no Brasil: os festivais de GG realizados, desde 1982, em Ouro Preto, os quais passaram a ser nacionais em 1985; a estruturação na CBG do DGG em 1984; a organização de dois cursos internacionais de GG pela CBG, como um programa para difundir essa modalidade; a realização dos Festivais de Ginástica e Dança da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Rio Claro; o aumento da divulgação e participação de grupos brasileiros na World Gymnaestrada⁴. Essas iniciativas foram promovidas pelo DGG da CBG. Posteriormente, na década de 1990, de acordo com o mesmo referencial, podemos elencar alguns acontecimentos que foram fundamentais para permitir ainda mais a divulgação da GG no Brasil: a realização, em 1990, da VII Gymnasiada Americana em Mogi das Cruzes (SP), o aumento da participação do Brasil na World Gymnaestrada e a continuidade e novas iniciativas de festivais por todo o país, como o Festival de Ginástica (Fegin), que continuou até 1992 e foi substituído pelo Gymbrasil, Festivais de Ginástica e Dança até 1994, a criação, em 1993, do Festival Paulista de Ginástica (Ginpa) e os Festivais Internos de GG da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF-Unicamp), organizados a partir de 1996.

Segundo Rezende (1999), por ser o Brasil um país com grande potencial criativo, haja vista a infinidade existente de movimentos corporais e de ritmos, esse ambiente rico estimula a prática da GG, pois esta não impõe limites, nem referências de movimento, materiais ou acompanhamento rítmico, ao contrário, visa à originalidade e se baseia na diversidade cultural de cada povo.

Ainda com relação ao desenvolvimento da GG no Brasil, Ayoub (2003) ressalta a participação do trabalho do Grupo Ginástico da Unicamp, uma referência nacional e internacional na área da GG. De acordo com a autora, não se deve negar o marco inicial do desenvolvimento da GG no Brasil, com uma grande colaboração institucional da FIG. No entanto, os profissionais devem ir além dos interesses institucionais e promover trabalhos de GG que realmente atuem mediante as características dessa manifestação gímnica, de modo a permitir diversas possibilidades de utilizá-la, em virtude da diversidade cultural do Brasil.

⁴ A World Gymnaestrada é o principal evento relacionado à GG promovido pela FIG.

Com base no exposto, podemos perceber que a expansão da GG no Brasil é notória, contudo ainda não trouxe alteraes significativas para o campo da Educao Física na escola (RINALDI; SOUZA, 2003; AYOUB, 2003).

A GG é uma modalidade que favorece a expressão do movimento, como mostra Santos (2001 apud MORAES; MOLLA; GASPARINO, 2003). Trata-se de um elemento muito importante na formao básica dos indivíduos, além de ser parte integrante da educao da sociedade em geral. Para Souza (1999), a GG reúne as diferentes interpretaes da ginástica, integradas às demais formas de expressão do ser humano de forma livre e criativa. Tem como característica proporcionar a prática da ginástica sem fins competitivos para um número diversificado de crianças, promovendo uma gama infinita de experiências motoras, além de estimular a criatividade, o prazer no movimento, o resgate da cultura de cada povo, sendo, dessa forma, plenamente adequada  Educao Física escolar e comunitária.

Não podemos esquecer que a escola é o ambiente onde os conhecimentos podem ser de fato socializados pelo acesso garantido a todos. A escola é o espaço clássico da área de Educao Física, e é nele que os conhecimentos da ginástica devem ser socializados.

A prática da GG também é defendida por Glomb e Fuggi (2001), em sua análise sobre a realidade das escolas. Os autores nos mostram a importância da utilizao da ginástica para o desenvolvimento pessoal e social da criança, como a consciência do corpo, do tempo, do espaço, do ritmo, da expressão corporal e artística, elementos fundamentais na comunicao e interpretao do aluno. Nesse contexto, abordam-se temas capazes de explorar elementos da cultura corporal e promover também a interao social e cultural das crianças.

Para Ayoub (2003), aprender a GG na escola significa estudar, vivenciar, conhecer, compreender, perceber, confrontar, interpretar, problematizar, compartilhar, aprender as inúmeras interpretaes da ginástica para, com base nesse aprendizado, buscar novos sentidos e significados e criar novas possibilidades de expressão gímnica.

Segundo Ayoub e Graner (2013), é necessário considerar a ginástica na escola como “um espaço aberto de ao”. Para as autoras, conceber as práticas corporais como “espaços abertos de ao” significa compreendê-las na sua dimensão sócio-histórica como práticas em contínuo processo de transformao. O contduo da GG na escola pode levar os alunos a produzir outros sentidos e significados além daqueles que já estão dados.

Como pudemos perceber, a presença da GG na escola se faz necessária na medida em que a tradio histórica do mundo ginástico é uma oferta de aes com significado cultural para os praticantes. As novas formas de exercitaes entram em

confronto com as tradicionais, possibilitando uma prática corporal que permite aos alunos dar sentido aos seus próprios movimentos ginásticos.

A opção por uma metodologia para o trato com a ginástica na escola deu-se a partir da necessidade de buscar caminhos para que a GG possa se desenvolver como um saber da Educação Física escolar. Acreditamos que é possível dar outro sentido e significado ao ensino da ginástica no interior da escola, tornando-a disseminadora de uma cultura corporal que garanta os conhecimentos produzidos e sistematizados na área da ginástica.

OS CAMINHOS TRAÇADOS PARA A REALIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

A metodologia adotada neste trabalho foi a pesquisa de campo que, segundo Franco (1985), procede à observação de fatos e fenômenos exatamente como ocorrem no real, à coleta de dados e, finalmente, à análise e interpretação desses dados, com base numa fundamentação teórica consistente, objetivando compreender e explicar o problema pesquisado. Como qualquer outro tipo de pesquisa, a de campo parte do levantamento bibliográfico. Exige também a determinação das técnicas de coleta de dados mais apropriadas à natureza do tema e, ainda, a definição das técnicas que serão empregadas para o registro e análise. Dependendo das técnicas de coleta, análise e interpretação dos dados, a pesquisa de campo poderá ser classificada como de abordagem predominantemente quantitativa ou qualitativa. A abordagem adotada neste trabalho tem caráter qualitativo. O instrumento utilizado para realização da coleta de dados foi um questionário⁵ do tipo misto, com perguntas fechadas e abertas, visando obter informações acerca do conhecimento dos professores em relação à GG.

Nos caminhos traçados para a concretização da pesquisa, fez-se inicialmente uma prévia investigação, ou seja, a primeira coleta de dados aconteceu na Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso (Seduc) e no Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica (Cefapro), onde foi possível obter a relação das escolas integrantes da rede estadual e suas respectivas localizações.

Em um primeiro momento da proposta, abriram-se 30 vagas para o curso de formação continuada na área de GG, que foram oferecidas aos professores de Educação Física e pedagogos das escolas estaduais de Barra do Garças e região. A divulgação do curso foi realizada no Cefapro, na Seduc e nas escolas estaduais.

⁵ O questionário é um meio útil e eficaz para recolher informação num intervalo de tempo relativamente curto (RICARDO ARTURO, 2001). Um questionário é um instrumento que visa obter informações da população em estudo de uma maneira sistemática e ordenada (TOMÁS GARCÍA, 2003).

O curso contou com a participação de 25 professores: 17 mulheres e oito homens. O tempo médio de atuação na docência era de dez anos. No que diz respeito à formação profissional, 12 eram formados em Educação Física, oito em Pedagogia, dois possuíam formação tanto em Educação Física quanto em Pedagogia, dois em Letras e um em Matemática. Dos 25 professores, 15 eram de Barra do Garças, quatro de Torixoréu, dois de Água Boa, dois de Nova Xavantina, um de Novo São Joaquim e um de Ribeirãozinho.

O questionário aplicado no início do curso nos trouxe informações relevantes sobre a realidade das escolas, o trabalho dos professores, as suas visões sobre ginástica, a GG e Educação Física escolar, bem como sobre as suas expectativas e seus objetivos em relação ao projeto. Essas informações foram importantes para adequação da nossa proposta de trabalho aos interesses do grupo. No decorrer do curso, buscamos aprofundar a compreensão da legitimidade da ginástica como conteúdo de ensino da Educação Física escolar, ao lado de outros temas da cultura corporal.

O objetivo do curso foi efetivar com os professores a elaboração de uma proposta de dez aulas com conteúdos da GG que seriam desenvolvidas e avaliadas pelos professores da escola. Na segunda etapa do curso, cada professor mostrou os resultados das aulas executadas com o grupo de alunos, que foram apresentadas por meio de slides, fotos, vídeos e relatos de experiência do grupo.

ENCAMINHAMENTOS PARA UMA NOVA PROPOSTA GÍMNICA NA ESCOLA

Iniciada a fase de preparação do curso com o contato inicial com os membros do Cefapro/Seduc de Barra do Garças, manifestamos-lhes a vontade de desenvolver um curso aos professores que trabalham com Educação Física escolar, de preferência com formação inicial em Educação Física, para que tivessem acesso a novas perspectivas de atuação e renovassem o conhecimento já adquirido. Ainda nessa conversa inicial, descobrimos que a secretaria realiza periodicamente cursos de formação continuada, o que facilitaria a implantação da nossa proposta. A partir daí, deu-se início ao processo de divulgação do curso, com a disponibilização de 30 vagas.

A divulgação foi feita no período de 1º a 30 de setembro de 2010 em todas as escolas estaduais de Barra do Garças. *A priori*, o público-alvo eram os professores graduados em Educação Física e que trabalhassem nas escolas estaduais. Contudo, devido à procura dos professores com formação inicial em outras áreas, em especial em Pedagogia, e também pelos que atuam nas escolas municipais, permitiu-se a participação deles. Outro ponto a se destacar foi o interesse dos docentes de outras

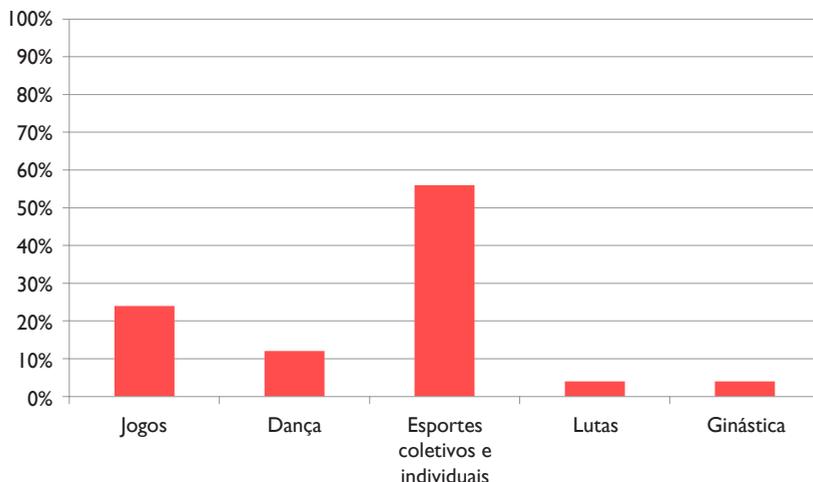
idades. Como o Cefapro abrange algumas cidades da região correspondente a Barra do Garças, os professores ficaram sabendo do curso e manifestaram interesse, e, como havia vagas disponíveis, decidimos aceitar a participação.

O período de inscrição para o curso foi de 15 de setembro de 2010 a 15 de outubro de 2010, com 30 inscritos. O curso ocorreu em duas etapas: a primeira, em 16 de outubro de 2010 e a segunda, em 6 de novembro de 2010.

Logo no início do curso, um questionário foi aplicado para verificar o posicionamento dos professores em relação a alguns aspectos da Educação Física escolar e também o conhecimento que possuíam a respeito da ginástica e GG. Ainda no período da manhã, foram abordados assuntos sobre o cenário atual da Educação Física escolar, os aspectos históricos da ginástica e a importância da ginástica como tema da cultura corporal do movimento a ser desenvolvida nas aulas de Educação Física. Os professores falaram sobre suas perspectivas em relação ao curso e as dificuldades em desenvolver os conteúdos da ginástica em suas aulas. No período da tarde, as atividades focaram as práticas relacionadas à GG (como atividades com bola, fita, corda etc.). Nessas atividades, eram perceptíveis o prazer e a alegria com que as realizavam, como se entregavam totalmente às atividades propostas, o que facilitou a absorção do conhecimento. Dando prosseguimento, apresentou-se aos professores uma proposta de GG a ser aplicada nas aulas de Educação Física. A proposta foi constituída por dez aulas com conteúdos voltados para GG a ser aplicada em suas aulas de Educação Física.

Em relação aos questionários, é possível fazer uma análise convergente com linhas de pensamento da área em relação a algumas respostas descritas pelos professores. Quando perguntados sobre sua visão a respeito do papel da Educação Física na escola, obtivemos a seguinte resposta: “A educação física tem um significado ‘ímpar’ porque se trata da integração e lazer através de atividades físicas”. Isso está de acordo com o pensamento de Darido (2004), que frisa a importância do prazer nas aulas de Educação Física para que haja maior participação e independência nas atividades. Em outro posicionamento, ela tem papel na “formação do educando como um cidadão cooperativo e participativo”, compartilhando do mesmo pensamento de Betti e Zuliani (2003), que ressaltam o papel da Educação Física na formação integral do cidadão, ensinando-lhe a compreender todos os aspectos da cultura corporal do movimento e utilizando-a para a sua melhor qualidade de vida. Em outro momento do questionário, no qual o enfoque foi a ginástica e a GG, vale destacar alguns pontos. A princípio, buscava-se saber se havia a presença da ginástica nos conteúdos desenvolvidos nas aulas de Educação Física. Os resultados obtidos estão no Gráfico 1.

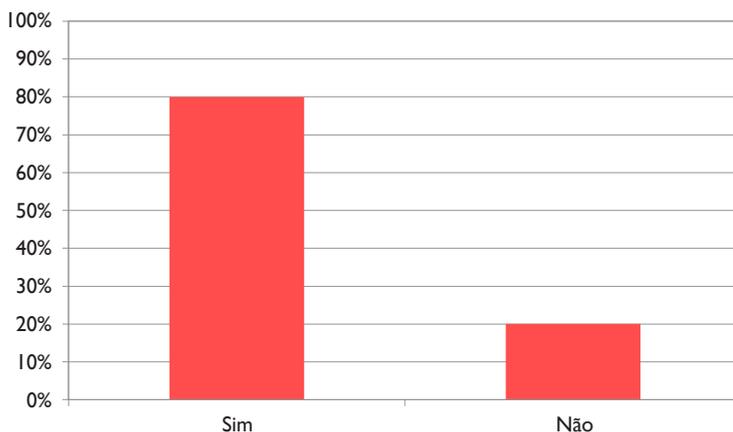
Gráfico 1
Conteúdos desenvolvidos nas aulas de Educação Física



Fonte: Elaborado pelos autores.

Apenas um professor, dos 25 presentes no curso, mencionou a ginástica. Em seguida, deparamo-nos com um paradoxo: a maior parte dos docentes ressaltou a presença de atividades gímnicas nas suas aulas, embora elas não constassem no planejamento anual. O Gráfico 2 mostra essa contradição.

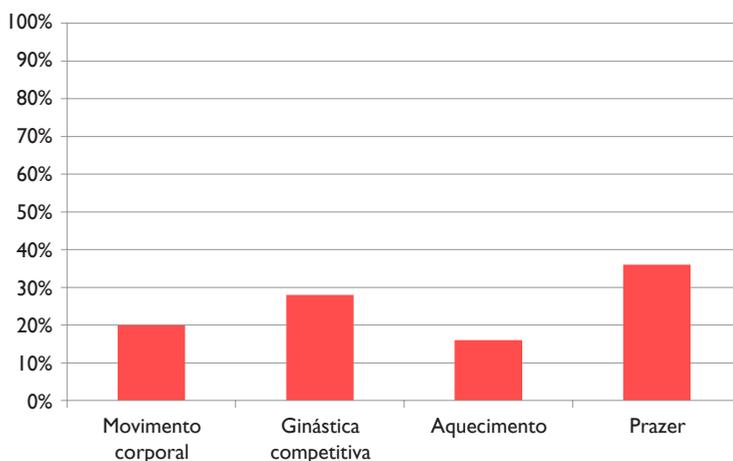
Gráfico 2
Desenvolve conteúdos da ginástica nas aulas de Educação Física?



Fonte: Elaborado pelos autores.

Em relação aos conteúdos desenvolvidos, evidencia-se o seu caráter simplório, uma vez que a forma como é trabalhada se limita a alongamento e/ou aquecimento, ou seja, serve como preparação a parte principal da aula. Por fim, o assunto em pauta era a GG. Assim como a ginástica, a maior parte dos professores detinha um conhecimento restrito sobre o assunto. Contudo, um posicionamento merece destaque, já que nele a GG é entendida como “felicidade, um modelo de prazer e realização pessoal”, como apresentado no Gráfico 3.

Gráfico 3
Entendimento em relação à ginástica



Fonte: Elaborado pelos autores.

Essa ideia corrobora o ponto de vista de Ayoub (1998, p. 67): “a descontração e as demonstrações de alegria e divertimento, predominante nas apresentações, reafirmam a visão de que a GG é uma atividade que visa, sobretudo, estimular o prazer pela prática da ginástica”.

O segundo dia do curso aconteceu em 6 de novembro de 2010. Dessa vez, o número de participantes foi menor, uma vez que cinco professores não compareceram. No período da manhã, concluiu-se a apresentação das atividades práticas. No período da tarde, o espaço foi aberto para os professores mostrarem (por meio de vídeos, slides, fotos etc.) o que foi possível realizar da proposta de dez aulas. A maioria dos professores trouxe um material riquíssimo contendo as experiências feitas em suas aulas com atividades de GG da proposta que realizamos no último encontro. Nesse momento, eles relataram as dificuldades que encontraram na realização das atividades e os avanços obtidos em relação à inserção do conteúdo

de ginástica em suas aulas. As principais dificuldades relatadas pelos professores estavam relacionadas à falta de espaço e equipamentos adequados, tendo em vista que 15, dos 20 presentes no segundo dia de curso, relataram que, nas escolas, não há quadra coberta e que o único material disponível é a bola. A participação dos meninos também foi menor que a participação das meninas. As atividades mais aceitas foram as realizadas com corda e as acrobáticas em geral.

O dado mais importante no relato dos professores foi a viabilidade do ensino da GG em suas aulas. Por meio da utilização de materiais alternativos como corda, pneus, garrafas, lençol, caixas de papelão, bolas de diversos tamanhos e de diversas modalidades, os professores visualizaram outra ginástica em suas aulas que tem uma relação muito estreita com o universo escolar e distante do universo da ginástica competitiva, que requer equipamentos e espaços adequados. Os professores conseguiram perceber que o universo da GG oferece a possibilidade para a utilização de materiais variados, estimula a criatividade e a construção de novas experiências, privilegia o trabalho em grupo, favorece a cooperação e valoriza a cultura corporal do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, podemos afirmar a viabilidade da GG como conteúdo nas aulas curriculares de Educação Física. As inúmeras possibilidades de desenvolvimento desse conteúdo, além do trato diferenciado com a diversidade presente na escola, nos levam a visualizar promissoras perspectivas em relação à sua inserção no âmbito escolar.

A investigação procurou oferecer meios de intervenção pedagógica no campo da GG, auxiliando e orientando os docentes no trato com o conteúdo da ginástica, de modo a levá-los a refletir sobre o papel da ginástica na Educação Física escolar.

Espera-se que o presente trabalho possa contribuir para o ensino da ginástica nas aulas de Educação Física. É fundamental que esse tema da cultura corporal do movimento seja tratado e difundido com qualidade no setor escolar, tendo em vista que os professores apresentaram indícios de compreensão em relação ao valioso recurso pedagógico que a ginástica pode se tornar na formação dos alunos.

O pretendido com essa intervenção foi estimular reflexões sobre os conteúdos que vêm sendo trabalhados nas aulas de Educação Física do ensino fundamental do município de Barra do Garças e região. Esperamos que nossas reflexões produzam nas aulas de Educação Física do município uma gama de movimentos presentes no universo gímnico, permitindo que as crianças tenham contato com um tema da

cultura corporal do movimento que é frequentemente negligenciado no âmbito escolar. O estudo realizado tem a pretensão de contribuir com outras investigações voltadas para o trato com as manifestações gímnicas na Educação Física escolar, possibilitando novas diretrizes acerca dessa problemática.

As parcerias entre instituições de ensino superior e secretarias de Educação, como nesta pesquisa, são caminhos que devem ser considerados. Assim, a partir de iniciativas que visam à reestruturação das aulas curriculares de Educação Física, por meio de práticas que respeitem e valorizem a diversidade sociocultural e instiguem a compreensão crítica da realidade, poderemos almejar novos rumos para o ambiente escolar.

THE PEDAGOGICAL PRACTICE OF GENERAL GYMNASTICS IN THE PUBLIC SCHOOLS OF BARRA DO GARÇAS (MT)

Abstract: The present study has as objective to investigate the feasibility of a pedagogical proposal of practice of general gymnastics in the state's schools of Barra do Garças. To realize this proposal we chose the using of the action-research. We started our intervention through of the achievement of a general gymnastic course for the teachers of state education with the elaboration of a proposal of general gymnastic to be applied at the schools. We present in the text the feasibility of inclusion of general gymnastics in Physical Education classes. Through the use of alternative materials teachers found the fit of the universe gymnic within the school reality. Thus, this research offers means of structuring knowledge in the field of general gymnastics, helping and guiding the teachers with the content of educational gymnastic.

Keywords: continue education; Physical Education; gymnastic.

REFERÊNCIAS

AYOUB, E. **A ginástica geral na sociedade contemporânea: perspectivas para a Educação Física escolar.** 1998. 187 f. Tese (Doutorado em Educação Física)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

AYOUB, E. A Ginástica geral na escola – um grande desafio. In: FÓRUM BRASILEIRO DE GINÁSTICA GERAL, 1999, Campinas. **Anais...** Campinas: Unicamp, Sesc, 1999. p. 35-41.

AYOUB, E. **Ginástica geral e Educação Física escolar**. Campinas: Unicamp, 2003.

AYOUB, E.; GRANER, L. Transformando poema em gesto, corda em estrela, conduíte em flor... In: TOLEDO, E.; SILVA, P. C. C. (Org.). **Democratizando o ensino da ginástica**: estudos e exemplos de sua implantação em diferentes contextos sociais. Várzea Paulista: Fontoura, 2013.

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 73-81, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Educação Física. 3. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Fundamental. 2001.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. 2. ed. Campinas: Papirus, 1991.

CHAPARIM, F. C. A. S.; SOUZA, E. M. P. Ginástica geral e formação humana. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 1., 2001, Campinas. **Anais...** Campinas: Sesc, Faculdade de Educação Física, 2001. p. 61-65.

DARIDO, S. C. A Educação Física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 44-58, 2004.

FIORIN, M. C. Possíveis caminhos da ginástica geral no próximo século. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 1., 2001, Campinas. **Anais...** Campinas: Unicamp, Sesc, 2001. p. 51.

FRANCO, M. L. P. B. Por que o conflito entre as tendências metodológicas não é falso. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 66, p. 75-80, ago. 1985.

GLOMB, M. A. P.; FUGGI, V. A. A Ginástica geral na educação escolar infantil: uma experiência com projetos. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 1., 2001. Campinas. **Anais...** Campinas: Unicamp, Sesc, 2001. p. 107-111.

MORAES, V. P.; MOLLA, F. F.; GASPARINO, M. A ginástica geral nas escolas do grande ABCD. In: II FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 2., 2003, Campinas. **Anais...** Campinas: Unicamp, Sesc, 2003. p. 111-115.

REZENDE, C. R. A. de. Perspectivas para a ginástica geral no Brasil. In: FÓRUM BRASILEIRO DE GINÁSTICA GERAL, 1., 1999, Campinas. **Anais...** Campinas: Unicamp, Sesc, 1999.

RICARDO ARTURO, O. R. El cuestionario. 2001. Disponível em: <<http://www.nodo50.org/sindpitagoras/Likert.htm>>. Acesso em: 22 jan. 2006.

RINALDI, I. P. B.; SOUZA, E. M. P. Ginástica geral: a produção do conhecimento nas duas edições do Fórum. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 2., 2003, Campinas. **Anais...** Campinas: Unicamp, Sesc, 2003. p. 138-139.

SANTOS, J. E. dos. **Ginástica geral**: elaboração de coreografias e organização de festivais. Jundiá: Fontoura, 2001.

SOARES, C. L. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas: Autores Associados, 1998. 132 p.

SOUZA, E. P. M. O universo da ginástica: evolução e abrangência. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 5., 1998, Maceió. **Anais...** Maceió: Etf, Unicamp, 1998.

SOUZA, E. M. P. Uma proposta para a Educação Física escolar e comunitária. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 233-238, 1999.

TOLEDO, E. de. As fronteiras da ginástica geral. In: FÓRUM BRASILEIRO DE GINÁSTICA GERAL, 1999, Campinas. **Anais...** Campinas: Unicamp, Sesc, 1999. p. 77-78.

TOMÁS GARCÍA, M. El cuestionario como instrumento de investigación/evaluación. 2003. Disponível em: <http://personal.telefonica.terra.es/web/medellinbadajoz/sociologia/El_Cuestionario.pdf>. Acesso em: 22 maio 2006.

Contato

Fabrício Gurkewicz Ferreira
E-mail: fgurkewicz@yahoo.com.br

Tramitação

Recebido em 3 de novembro de 2012
Aceito em 28 de outubro de 2013